

O FEMINISMO E A ESCRITA DA MULHER NEGRA

Francymary Da Silva Santana

RESUMO: O presente artigo tem como propósito, dar visibilidade ao feminismo negro, bem como a escrita da mulher negra, uma vez que ela precisou passar por inúmeras situações dolorosas, embaraçosas, conflitantes e até humilhantes, para conseguir alcançar reconhecimento como ser humano, e, sobretudo como mulher digna de respeito. Inúmeros esforços foram feitos, para que a escrita da mulher negra fosse reconhecida, principalmente no ambiente em que prevalece o sexismo, no qual fica visível a opressão de classes. O feminismo tem como foco, abolir as desigualdades que as mulheres enfrentam, e a libertação das mulheres negras, implica diretamente na liberdade de todas as pessoas, uma vez que exigiria o fim do racismo, do sexismo e da opressão de classe. As feministas negras argumentam que as mulheres negras são posicionadas dentro das estruturas de poder de maneira diferente das mulheres brancas. Não obstante, resulta daí, a centralidade no feminismo negro do conceito de interseccionalidade, no qual a visão de que as mulheres experimentam a opressão em configurações variadas e em diferentes graus de intensidade. Os críticos do feminismo negro argumentam que as divisões raciais enfraquecem a força do movimento feminista em geral, mas também do movimento negro. O Feminismo Negro pode ser considerado como um movimento social, no qual mulheres negras estavam à frente deste processo, com o objetivo de enaltecer e trazer visibilidade às suas pautas, além de reivindicar seus direitos. A mulher negra não era representada pelos movimentos sociais hegemônicos. As pessoas que pretendem conhecer os movimentos pautados nos direitos da mulher negra perceberão uma lacuna relacionada aos modelos negros nos quais fica inviável espelhar-se, não por falta de pessoas atuantes, mas por causa da pouca visibilidade dada às feministas e escritoras negras. Este presente artigo tem como propósito, reconhecer o lugar de fala e escrita de mulheres negras.

Palavras-chave: Feminismo negro, escrita negra, sexismo

INTRODUÇÃO

O Feminismo Negro pode ser considerado como um movimento social, no qual mulheres negras estavam à frente deste processo, com o objetivo de enaltecer e trazer visibilidade às suas pautas, além de reivindicar seus direitos. No Brasil, a partir de meados da década de 1970, uma forte demanda de mulheres negras feministas resolveram unir-se, para dar origem ao Movimento Negro, mesmo ainda sendo o sexismo¹ supremacia, as relações de gênero funcionavam como fortes repressoras da autonomia feminina e além de serem contra as ativistas negras ocuparem posições de igualdade junto aos homens negros; em contrapartida, o Movimento Feminista possuía um viés racista, omitindo discussões de cunho racista e favorecendo os assuntos que beneficiavam somente as mulheres brancas.

A mulher negra não era representada pelos movimentos sociais hegemônicos. Em contrapartida, as mulheres brancas lutavam por igualdade de direitos civis com os homens brancos, enquanto as mulheres negras carregavam o fardo do peso da escravatura, além de destinadas a serem submissas; porém, essa submissão não se limitava apenas à figura masculina, pois a mulher negra também estava em posição inferior perante a mulher branca. A partir dessa concepção, foi imprescindível a conscientização a respeito das diferenças femininas. Passou-se a dar uma atenção maior na produção de conteúdo dedicada a discussões de raça e classe, com o intuito de romper a zona de conforto que o ativismo feminista branco defendia, sobretudo aquele que limitava o olhar para os problemas das mulheres bem nascidas e acesso à educação.

As pessoas que pretendem conhecer os movimentos pautados nos direitos da mulher negra perceberão uma lacuna relacionada aos modelos negros nos quais fica inviável espelhar-se, não por falta de pessoas atuantes, mas por causa da pouca visibilidade dada as feministas e escritoras negras. É preciso que haja a iniciativa no tocante a busca por figuras inspiradoras, caso contrário, os nomes mais exaltados como: Angela Davis, bell hooks, Kimberlé Williams Crenshaw, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Jurema Werneck, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Nilza Iraci, Beatriz Nascimento, Toni Morrison, Djamila Ribeiro e tantos outros ficarão esquecidos.

O embate das feministas negras é um constante esforço para medir seu lugar com o das mulheres brancas. Tal assertiva suscita uma reflexão sobre a exposição oral ou

escrita feminina, seu espaço no mercado de trabalho, o lugar de vítima da violência sexual, entre outros temas, pois se as mulheres brancas precisam lutar, mais ainda o farão as mulheres negras, uma vez que nem sequer conquistaram consistência na igualdade, quando comparadas a outros indivíduos do seu próprio gênero.

DESENVOLVIMENTO

Escrever acerca de facetas diferenciadas sobre o feminismo negro requer leitura e pesquisas diversificadas sobre da temática, além do que está disponível em obras sobre feminismo. Porque ainda existe uma resistência quanto à aceitação da contribuição das mulheres negras para a luta feminista, e ainda, porque é preciso mensurar o que se entende por um discurso legitimado.

Na época da escravidão no Brasil, as mulheres negras procuravam trabalhar de acordo com o que lhes eram permitidos fazer, como serem quituteiras, por exemplo, e ainda utilizavam o pouco dinheiro arrecadado, para custear a alforria de pessoas negras escravizadas. Muitas colaboraram para o desmembramento da escravidão, bem como as condições hostis e constrangedoras. Numa tentativa de proteção à sua raça, assim como foi confirmados registros de mulheres negras que viam a prática do aborto, como uma forma de resistência à escravidão, pois não queriam ver seus filhos nascerem atrelados a um sistema opressor. As mulheres negras na época da escravidão tiveram uma tomada de consciência forte em prol de exercerem um papel importante na luta pela sobrevivência do povo negro, pois sabiam do poder de liderança que possuíam, sobretudo sua resistência no tocante à preservação cultural.

Por vezes o feminismo permeia o campo da invisibilidade, principalmente o negro, na qual as mulheres negras eram tratadas e vistas como “meras mercadorias”, e ainda sim, lutavam pela libertação de todo um povo.

Segundo Avtar Brah o sujeito político do feminismo negro desvincula o sujeito unitário e masculinista do discurso eurocêntrico², bem como a versão do “negro” como cor política, pois desestabiliza a noção de “mulher” como categoria unitária. Embora formado em torno da problemática da “raça”, o feminismo negro desafia de forma contundente os limites de sua constituição, pois embora ao pensar na interseccionalidade³, as mulheres negras preocupavam-se além das opressões que vivenciavam e com o discurso de uma luta meramente identitária, elas buscavam um novo modelo de sociedade.

Citado por várias feministas negras, dentre elas Djamila Ribeiro (2017) e a própria Angela Davis (2016), o discurso de Sojourner Truth de 1851, denominado “E eu não sou uma mulher?” que foi proferido na Convenção dos Direitos da mulher, desperta uma reflexão muito significativa:

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda essa falação? Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendido como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da plateia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida? Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde vem seu Cristo? De onde foi que Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele. Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam. Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer (TRUTH, apud, RIBEIRO, 2017, p. 20).

A mensagem de Truth repercute nas diferenças pontuais entre as mulheres negras e brancas. Enquanto as brancas posicionavam-se a favor do direito ao trabalho e ao voto, as negras travavam um embate em prol de seu reconhecimento como seres humanos, negados em virtude de sua “condição inferior”, como eram vistas a população negra pelas classes abastadas.

¹ Sexismo é o ato de discriminação e objetificação sexual, é quando se reduz alguém ou um grupo apenas pelo gênero ou orientação sexual.

² Quem ou o que emite opiniões e julgamentos tendo a Europa como centro de referência e "modelo" de sociedade.

³ Estudo da sobre posição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação.

As mulheres negras cresceram em meio trabalhista, andavam nas ruas sozinhas, além de terem que se proteger de possíveis investidas, logo, não se enquadravam no molde de mulher frágil, submissa e recatada, o que as distanciavam da realidade da mulher branca.

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não têm dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando?

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar (CARNEIRO, 2001. p. 1).

Feministas renomadas como Angela Davis e bell hooks, ressaltam que, as mulheres brancas queriam ser aceitas no mercado de trabalho, enquanto as negras ansiavam pela regularização do trabalho que já exerciam para sustentar suas famílias.

O tema da interseccionalidade remete à sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação, no qual leva em conta fatores como raça, orientação sexual, e identidade de gênero, neste segmento, temos bell hooks que em meados da década de 1970, já externava a invisibilidade das mulheres negras, embora fossem detentoras de saberes diversificados, o que fomentou ainda mais para que várias mulheres negras no movimento sufragista fossem excluídas da história, portanto, neste momento, fica comprometido o feminismo negro, porque essas mulheres foram silenciadas e sua bandeira não era considerada feminista, embora tivessem sua parcela de contribuição no campo literário, histórico e dado exemplo no tocante à resistência. Bastava uma voz a ser ouvida e reconhecida, entretanto, tantas outras vozes criaram uma espécie de hierarquia, determinando quem poderia falar e qual história merecia ser ouvida e registrada.

Vale ainda destacar que, ao pensar na interseccionalidade, as mulheres negras ultrapassam as barreiras das opressões que as afligem, para defenderem o discurso de uma luta de identidade, pois estas lutam em prol de um novo modelo de sociedade, uma vez que a interseccionalidade do feminismo negro tem como princípio, ampliar o olhar para

o estudo das relações raciais, no qual tem se solidificado, com o intuito de compreender como a opressão racial é vulnerável e apoia-se em opressões de gênero, heteronormatividade⁴ e exploração econômica.

O “feminismo negro” possui uma diversidade de experiências, por isso almejava um lugar especial como sujeito feminista. Além disso, ao trazer para o primeiro plano um vasto leque de experiências diaspóricas em sua especificidade, o feminismo negro passou a representar a vida negra em toda sua plenitude, criatividade e complexidade.

É importante definirmos um conceito para diáspora⁵, a princípio é válido determinar como a ausência de um lar, em seguida, a reconstrução do seu habitat, acompanhada do incansável desejo de regressar ao que fora deixado para trás, sem descartar a possibilidade de envolver distâncias exageradas, permeadas pelo constante desejo de retorno, porém sem êxito. Deve-se salientar ainda que, a memória acerca de seu lugar de origem continua preservada.

Segundo Stuart Hall, a expressão diáspora “está fundada sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2008, p. 32), ou seja, existe um conflito nítido entre o “ser interior” e o desconhecido, proporcionando uma aversão nos indivíduos da diáspora. Havia uma dificuldade em compreender que, o indivíduo está alheio, imerso em sua própria cultura.

Stuart Hall (2003, p.444), na obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, o autor aborda a maneira como o corpo negro é visto, meramente semelhante a um “arquivo de repertórios culturais próprios”. Este é o lugar onde se “guardam muitas tradições”, bem como as “lutas pela sobrevivência do povo negro na diáspora e, por outro lado, as contra narrativas que lutamos para expressar”. É perceptível, nas culturas negras, especialmente no período da diáspora, que muitas mulheres negras ficaram reféns do sistema opressor e por vezes não tiveram opção, e passaram a usar o próprio corpo, como meio de subsistência. Ao longo da história tais “recursos disponíveis” para aos afrodescendentes inspiraram outras narrativas através das informações culturais preservadas por seus antepassados.

⁴ Termo preconceituoso que designa que a heterossexualidade é a única orientação sexual que deve existir.

⁵ O termo diáspora define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas

Para Hall, foi inevitável, nos negros se verem como “telas de representação”, pois a partir da maneira como eram “representados e imaginavam a si próprios”, descobriram “quem eram”, despertaram para a valorização de suas tradições culturais de origem africana, gingados, movimentos, contornos, gestos, modos de vestir, estilos de cabelo, rosto e a cor da pele. Transformaram os seus corpos negros em um palco de “contestações estratégicas”, de lutas e da afirmação estética negra. Nele, produziram as contraindicações as contranarrativas que almejavam inscrever: silenciadas, apagadas, ocultadas e “esquecidas” pela historiografia no Brasil. (HALL, 2003, p. 347).

Ao reportar-se ao corpo feminino negro, percebe-se que há uma série de informações pejorativas, que permeiam os registros históricos, através da tradição cultural. Era comum estereotipar as mulheres negras, sobretudo o seu corpo pautado em categorias fenotípicas e “escalas cromáticas”. Expressões como: a mulata, a negrinha, a pretinha, a moreninha, a crioula, entre outras eram comuns para referir-se a mulheres negras, com o intuito de diminuí-las, e de certa forma contribuir para o processo de aceitação prévia da submissão. Os corpos negros femininos foram submetidos à dominação masculina, sendo subordinados às normas impostas pela sociedade, com a perspectiva de sucumbir seus valores morais além de presidir o controle de seus movimentos, gestos, atitudes, sua aparência e, sobretudo sua sexualidade.

A mulher negra, em especial a africana foi tão dizimada quanto a sua própria terra, infelizmente, ainda hoje, existem resquícios desse dissabor, no qual contribui para a inviabilização do convívio social, e reforça os estigmas em relação ao negro, sobretudo à mulher negra, deixando-a em uma condição completamente desfavorável. A diáspora negra relaciona-se ainda às minorias literárias publicadas, uma vez que a mulher negra era condicionada ao domínio dos colonizados, no qual a impossibilitava de exercer a sua liberdade e conseqüente identidade.

Na obra, *Um Defeito de Cor*, Kehinde desperta para a leitura ainda na infância, enquanto sua função era fazer companhia para a Sinhazinha, em suas aulas. Como era à frente de seu tempo, logo descobriu o poder da variedade escrita, a qual lhe possibilitaria melhor compreender o universo dos brancos de forma contundente. Ao ter contato com as obras literárias de padre Antônio Vieira, resolve partilhar a leitura de um dos sermões com suas colegas de baía, na tentativa de conscientizá-las de sua importância e magnitude.

Foi ela [Rosa Mina] quem conseguiu entender as palavras do padre Antônio Vieira, dizendo que ele estava mesmo certo, que na vida nós devíamos ser como o sal. A carne que comíamos não era salgada? O sal era para ela não estragar, e nós também precisamos ser assim, fazer a nossa parte para conservar as coisas boas, tanto para nós quanto para as pessoas que vivem ao nosso redor. Fiquei com vontade de perguntar se os amigos do Fatumbi conheciam as palavras do padre Antônio Vieira, se era disso que eles falavam quando diziam que tínhamos que nos unir e lutar pelo nosso direito de sermos iguais aos brancos (GONÇALVES, 2007, p. 123).

As feministas negras, como Boyce Davies e bell hooks reforçam constantemente sobre o cuidado de alianças para a supressão de desafios. Para hooks, o amor próprio, e pelos seus irmãos de cor, é a saída para romper com as amarras sociais nas quais as

mulheres negras foram encarceradas, sobretudo o conhecimento oriundo dos seus ancestrais, nos quais devem ser preservados a fim de evitar embates desgastantes e desnecessários.

É notório que a diferença de gênero marcada pela relação de homem e mulher, exerce uma notoriedade, no qual há uma predominância no gênero masculino, entretanto, tal diferença de gênero se for vista apenas por um viés, é possível termos sérias limitações.

Segundo Teresa de Lauretis autora da obra “A tecnologia do gênero” publicada em 1987 ressalta que o conceito de gênero, estava ligado diretamente com a diferença de sexo, o que muito contribuiu para reforçar questões como: estereótipo, reducionismo, a universalização da mulher, ou seja, uma concepção genérica de mulher. Logo a formação do ser era definida por meio do sexo, e esta ideia de certa forma limitou o conceito de gênero.

A partir dos anos 80, através de escritos de feministas, a percepção de gênero recebe reformulação. O chamado potencial epistemológico radical.

[...] conceber o sujeito social e as relações de subjetividade com a sociedade de uma outra forma: um sujeito constituído no gênero, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só nas suas experiências de relações, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido. (Laurents 1994, p.2008)

É sabido que alguns discursos, como os artísticos, do cinema e da literatura, por

exemplo, reforçam a presença do estereótipo usado para diferenciar mulher de homem, levando em consideração a questão do sexo. A partir deste preâmbulo, tem-se o conceito “tecnologia do gênero” por compreender que este “é produto de diferentes tecnologias sociais” (Laurents 1994, p.208), uma vez que o sujeito não é único e nem está pronto, ele é plural, formado por suas diferentes identidades. O sexo é um dos elementos, mas não o único, e talvez, o menos importante, pois as questões de gêneros perpassam as questões biológicas, nas quais grupos específicos acreditavam ser fulcrais para determinar o potencial intelectual, comportamental e, sobretudo o hierárquico.

Para Laurents (1994, p. 215), a construção de uma categoria para separar masculino e feminino, torna-se algo excludente. Ela afirma que: “Os homens e as mulheres não só se posicionam diferentemente nessas relações, mas — e esse é um ponto importante — as mulheres são diferentemente afetadas nos diferentes conjuntos.”

Segundo Foucault o conceito de “tecnologia de gênero”, surgiu a partir da concepção de que não há sexualidade, ele defende que esta foi criada para satisfazer a cultura das sociedades burguesa dominante, com a intenção de favorecer a hegemonia do sexo, logo a mulher seria indubitavelmente desfavorecida.

No mais, Laurents cita algumas autoras como Tânia Modleski, Rosi Braidotti, que criticam as teorias dominantes sobre o gênero, o masculino, no qual é visto como um antagonista da literatura feminina. Discute-se o “pós-feminismo”, como uma válvula de escape para permitir que as mulheres continuem no feminismo, e que os homens também conquistem uma subjetividade feminista. Trata-se de um constante processo de desconstrução e reconstrução do gênero.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta das feministas negras é um entrave constante para nivelar seu espaço aos das mulheres brancas. Isso suscita a reflexão sobre a representação feminina, seja ela qual for, pois sua representatividade é de suma importância para sentirem-se cidadãs e indivíduos reconhecidos.

Partindo desse pressuposto, o melhor a ser feito é lutar para ser reconhecida como ser humano intelectual, possuir inúmeras conquistas e desempenhar papéis ilimitados. Vale ressaltar ainda a ocupação tímida de posições importantes em diversos segmentos por mulheres negras, mesmo havendo muito a ser feito.

A diversidade das relações entre mulheres e homens negros pode ser observada logo no seio familiar, no qual a imposição do falo requer obediência e submissão.

Desde a existência do Feminismo Negro, as questões periféricas são repudiadas, por conseguinte, fez-se mister lutar, como um ato de resistência motivado pela busca e preservação da liberdade. A população negra representa cerca de 50%, logo, o esquecimento dessas mulheres seria, no mínimo, o esquecimento de uma importante parcela de cidadãs.

As mulheres negras não conviviam harmonicamente com o movimento feministasoberano, pois o domínio racial era minoria, enquanto o maior número de lideranças consolidadas reverberava as feministas brancas, nas quais resistiam às questões das mulheres negras, estas alegavam que as negras representavam a discórdia, além de serem incompreensivas.

As mulheres passam por aflições parecidas e possuem desejos semelhantes, entretanto o Feminismo não defende as especificidades de cada grupo feminino, o que favoreceu a omissão das questões totalitárias. As necessidades das mulheres negras são particulares e sem que seja feita uma profunda análise do racismo brasileiro, fica inviável atender as urgências do grupo.

A cor da pele ainda é um fator preponderante, especialmente quando nos reportamos a casos de agressão, seja ela física, verbal, psicológicas ou afins. As negras em sua grande maioria não contam com assistência adequada e estão mais vulneráveis, inclusive, aos abusos das próprias autoridades.

No tocante ao aspecto da sexualidade, as mulheres brancas eram condicionadas ao comportamento moderado e a uma leve sensualidade, ao passo que as mulheres chamadas de “mulatas” eram amplamente desqualificadas e tratadas como objetos disponíveis para a exploração. O argumento de quem enxerga as mulheres negras como mais acessíveis para investidas sexuais, era de que elas são mais ousadas, que seus corpos resistem a atos mais intensos ou ainda que elas não poderiam negar os assédios.

Outro agravante oriundo do racismo atrelado diretamente ao sexismo é a jornada tripla de trabalho. As trabalhadoras em sua grande totalidade negra distanciavam-se de seus lares e filhos, para poderem prover sustento, muitas vezes cuidando dos filhos das mulheres brancas, com melhor condição financeira, e, por não terem iguais recursos, não poderiam contratar alguém para prestar assistência às crianças e fazer manutenção

em suas próprias casas, ao contrário, as ocupações das mulheres pobres aumentavam, tornando uma realidade maçante que poderia ser relatada por milhares de mulheres negras.

É possível que haja um desconforto ao perceber que homens e mulheres não são iguais em direitos e privilégios na sociedade em que vivemos. Não é confortável saber que homens ganham mais do que mulheres, e que estas são mais cobradas para serem responsáveis pelo trabalho doméstico, cuidado com os filhos, enquanto os homens esquecem-se em suas sombras.

As mulheres possuem em seu acervo particular, uma história para contar, algumas com um final triste, e na maioria das vezes, envolvendo um homem que assume o papel de protagonista algoz.

Por estas e outras questões, o Feminismo passou a ser considerado um termo no qual repercute principalmente a figura feminina, independente da faixa etária.

As mulheres foram dizimadas a ocuparem um lugar inferior na sociedade. Os seus direitos básicos foram tolhidos, e a cultura de tratar a mulher com o mesmo peso de uma mercadoria, em algumas situações ainda prevalece. É desconfortável saber que há alguns anos, mulheres não tinham direito a serem educadas formalmente, porque não eram concebidas como seres pensantes. As mulheres precisaram se articular e unidas lutaram em prol de um reconhecimento para modificar essa situação de quase escravidão. Felizmente houve um progresso e conquistas importantes.

Mais tarde, o movimento organizado composto por mulheres em prol de direitos e condições dignas de existência, passou a ser denominado como feminismo. E assim, o movimento ganhou mais adeptos, em um embate incansável em prol do coletivo.

Não há mais tempo a esperar para que o sexo oposto se sinta tocado para escrever sobre as mulheres ou sobre sua história, pois eles desconhecem o que muitas viveram e sentiram, só uma mulher teria a sensibilidade para compreender uma a outra, por isso é preciso ser contra toda e qualquer forma de opressão, para dar voz e vez às mulheres também.

REFERÊNCIAS

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

- DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUBOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Tradução, introdução e notas, Heloísa Toller Gomes. – Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 1999. 323 p. ISBN 85-7384-051-X
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um Defeito de Cor**. Rio de Janeiro: Record, 2007. 2ª Edição. 952 p. ISBN 978-85-01-07175-0 HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guarda Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 410 p. ISBN 978-85-7041-356-7
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOOKS, bell. **Ain't I a woman: Black women and feminism**. South End Press, 1981. 210 p. ISBN 0-89608-129-X
- Kabengele (Org.). **História do Negro no Brasil. O negro na sociedade brasileira: Resistência, participação, contribuição**. Brasília: Fundação Palmares-MinC, 2004.
- LAURETIS, Tereza de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LODY, Raul. **Dicionário de arte sacra & técnicas afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Palhas, 2006.
- LOPES, Nei. **Enciclopédia da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro: 2004.
- MARTINS, Leda. **A fina lâmina da palavra: o negro na literatura brasileira**. In: MUNANGA,
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MARTINS, Leda. **O feminino corpo da negrura**. Revista de Estudos de Literatura. Belo Horizonte, v. 4, p. 111 - 121, Out, 1996.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SALES, C. **Pensamentos da Mulher Negra na Diáspora: Escrita do Corpo, Poesia e História**. Sankofa (São Paulo), v. 5, n. 9, p. 91-110, 6 jul. 2012.
- SALES, Cristian Souza de. **Composições e recomposições: o corpo feminino negro na poesia de Miram Alves**. (Dissertação de mestrado). Salvador: UNEB, 2011.
- SOUZA, Florentina da Silva. **Afrodscendência em Cadernos Negros e JornalMNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SOUZA, Florentina da Silva. **Vozes Femininas do Atlântico negro**. In. **Marcas da Diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. Org. Rita Chaves e Tânia

Macedo. São Paulo: Alameda, 2006.

WERNECK, Jurema (org.). **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. Jurema Werneck, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. 2.ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2002. 257 p. ISBN 85-347-0288-8.